

■ Só a distribuição melhor da renda explica a queda nos níveis de pobreza. • PÁG. A2

Dilema do crescimento

Estudo elaborado pelo chefe do Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas (FGV), economista Marcelo Neri, com base em dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD/2007), cujos resultados foram divulgados pelo IBGE, mostra que a queda contínua da desigualdade, que vem desde 2001, foi a principal responsável pelo fato de 1,5 milhão de brasileiros terem rompido a linha de pobreza no ano que passou, permitindo uma redução de 5,6% no contingente de pobres no conjunto da população.

Verifica-se, de acordo com o levantamento, que a queda ficou abaixo dos 15% registrados em 2006, crescendo que existem ainda no país 33,6 milhões de pessoas que vivem abaixo da linha de pobreza, enquanto em 2006 tal número ascendia a 35,1 milhões.

A parcela de pobres caiu de 19,16%, em 2006, para 18%, no ano passado, observando-se ainda, segundo o estudo, que em 1992 esse segmento correspondia a mais de um terço da população, com 34,96% abaixo daquela linha.

Na visão do economista Marcelo Neri, só a distribuição melhor da renda explica a queda nos níveis de pobreza, constatando-se, ademais, como assinala,

Na visão do economista Marcelo Neri, só a distribuição melhor da renda explica a queda nos níveis de pobreza, constatando-se, ademais, como assinala, que o ritmo de redução da miséria assume, contudo, velocidade duas vezes maior que a fixada pelas Nações Unidas...”

que o ritmo de redução da miséria assume, contudo, velocidade duas vezes maior que a fixada pelas Nações Unidas em função das Metas do Milênio, isto é, 2,77%.

Ele assinala por sinal, a propósito, que “se os anos 80 ficaram conhecidos como a década da redemocratização, e os 90 como da estabilização, os anos 2000 já podem ser identificados como a década da redução da desigualdade”.

Importa, pois, diante do quadro aí exposto e face às projeções dele deriva-

das, que se consolidem os programas e iniciativas voltados à sustentação e consolidação de tal objetivo, à luz de uma estratégia econômica compreendida em todo o alcance de desdobramentos sociais, como referencial de um modelo centrado no homem como agente e, a um só tempo, beneficiário do processo de desenvolvimento.

Este, afinal, o desafio que a esta altura se coloca de forma inarredável, sem deixarmos de considerar também, em nível internacional, advertências como a que foi feita na última quarta-feira pelo diretor-geral da Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO), Jacques Diouf, declarando, como o fez, em discurso perante o Parlamento italiano, que o número de pessoas, no mundo, abaixo dos níveis mínimos de nutrição, subiu de 850 milhões em 2006 para mais de 925 milhões neste ano.

Isto, em virtude da alta do preço dos alimentos, afetando populações em diferentes países e continentes. Eis o cenário que se impõe, de fato, modificar, sobretudo mediante políticas capazes de influir no aumento dos níveis de produção de alimentos, ampliando o acesso a quantos deles necessitam, até, e antes de mais nada, simplesmente por uma questão de sobrevivência. ■